

Reconhecimento

A conexão entre ciência e campo na carreira de Vaz

Pesquisador foi premiado na categoria Cadeias de Produção e Alternativas Agrícolas

Osni Machado

osni.machado@jornaldocomercio.com.br

A trajetória do pesquisador Ricardo Zambarda Vaz, 57 anos, escolhido na categoria Cadeias de Produção e Alternativas Agrícolas do Prêmio O Futuro da Terra 2026, é marcada pela aproximação entre ciência e realidade do campo. Ao longo de 36 anos de atuação na área de Zootecnia e produção de ruminantes, Vaz desenvolveu pesquisas voltadas à produtividade, eficiência, sustentabilidade, qualidade dos produtos e bem-estar animal, com a preocupação de transformar conhecimento científico em ferramentas aplicáveis pelos produtores.

A indicação ao prêmio reconhece uma trajetória construída



Ricardo Zambarda Vaz destaca o trabalho coletivo do seu grupo

por meio de pesquisas, formação de profissionais e desenvolvimento de tecnologias de baixo custo. Para ele, também representa o trabalho coletivo.

“Embora esse prêmio seja individual, existe um grupo de pessoas que inspiraram, incentivaram e, principalmente, colaboraram e apoiaram para que isso

ocorresse”, afirma.

Entre os principais resultados de sua carreira, Vaz destaca uma visão de pecuária na qual bem-estar animal, produtividade e eficiência precisam caminhar juntos. Parte de suas pesquisas procurou dar visibilidade científica a temas antes tratados como detalhes, mas que podem ser determinan-

tes para os resultados dos sistemas de produção. Nos estudos desenvolvidos pelo pesquisador e seu grupo, genética, nutrição e sanidade são analisadas em conjunto com o manejo realizado nas propriedades.

Outro eixo de sua atuação é a eficiência bioeconômica, que relaciona o desempenho dos animais ao resultado financeiro das propriedades. Para Vaz, essa avaliação permite ao produtor tomar decisões com menor risco e maior previsibilidade. A mesma lógica orienta sua defesa da integração lavoura-pecuária (ILP), sistema que permite utilizar melhor a terra, diluir custos, reduzir riscos e obter ganhos ambientais, como melhoria do solo, redução de insumos e sequestro de carbono.

“O grande avanço foi tirar a qualidade da carne do ‘acaso’ e utilizar a ciência associada à gestão”, destaca.

A aproximação entre universidade e produtor é outro ponto defendido pelo pesquisador. Para ele, a validação a campo,

a assistência técnica, a extensão rural e as parcerias entre universidades, produtores, cooperativas e indústria são fundamentais para reduzir a distância entre a pesquisa e sua aplicação. Em sua trajetória, Vaz participou de estudos realizados diretamente em propriedades rurais e destaca a colaboração de produtores e da indústria frigorífica.

Desde 2018, atua na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), onde é professor Associado 4 e docente dos programas de pós-graduação em Zootecnia e Agronegócios. Entre as produções que sintetizam sua contribuição, destaca o livro “Gado de Cria – a Base da Pecuária de Corte”, lançado em 2024. A obra reúne pesquisas desenvolvidas ao longo de décadas e apresenta dados relacionados a 55 anos de evolução da pecuária de cria no RS.

Para o futuro, Vaz espera que o trabalho desenvolvido contribua para uma pecuária mais eficiente, resiliente e conectada às demandas do campo.

Pesquisa realizada em Santa Maria apoia tecnologia que aumenta a retenção de água no solo

Jamil Aiquele

jamil@jcrs.com.brcom.br

Em um contexto no qual eventos climáticos extremos estão se tornando cada vez mais frequentes no Rio Grande do Sul, surge a necessidade de adaptação do setor agrícola para mitigar os impactos dessas intempéries. Foi pensando nisso que a pesquisadora Tatiana Emanuelli, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), criou o hidrorretentor orgânico, que originou o produto comercial Organic Bloom HydroProtect, atualmente operado pela empresa Ingal Agrotecnologia. Tatiana, 54 anos, é pesquisadora reconhecida na categoria Inovação e Tecnologia Rural.

O produto consiste em um hidrorretentor, ou seja, uma tecnologia com a função de aumentar a retenção de água no solo. Ele é fabricado a partir de biopolímeros vegetais, que são compostos naturais extraídos de resíduos agroindustriais, como bagaços de frutas e farelos resultantes da extração de óleos. Na prática agrícola, a substância é aplicada junto às sementes e raízes das plantas,

garantindo a manutenção da umidade nessa região.

Tatiana destaca a ação dupla do produto, que combina a capacidade de reter água no solo com a bioproteção. Durante a fase de testes e aplicação prática, o insumo demonstrou resultados no aumento da resistência biológica das plantas contra estresses hídricos, como os ocasionados por períodos de seca, e estresses sanitários, ajudando a proteger as culturas contra doenças.

Assim, a pesquisadora pontua que a tecnologia surge como uma ferramenta para adaptar a agricultura aos cenários de mudanças climáticas, mitigando os efeitos dos ciclos severos de estiagem, frequentes no Rio Grande do Sul.

“Sabemos que esses ciclos de excesso de chuvas são intercalados com ciclos de seca que penalizam muito a produção agrícola, especialmente aqui no Estado. Ficamos felizes em saber que essa tecnologia vai poder auxiliar a aumentar a resistência das plantas a essas situações de seca”.

O hidrorretentor já apresentou resultados promissores quando aplicado em culturas de soja, mi-

lho e alface. No contexto comercial, a inovação foi projetada para ocupar um nicho de mercado que hoje é majoritariamente dominado por produtos baseados em polímeros sintéticos.

“Sempre que usamos um polímero sintético, ainda temos que nos preocupar com a questão do impacto ambiental, da degradação do composto no meio ambiente, da presença de resíduos”, afirma a pesquisadora.

Em contrapartida, Tatiana afirma que a composição da tecnologia desenvolvida na UFSM elimina esses passivos.

“Ele é um polímero natural, completamente biocompatível, ecologicamente amigável”, compara.

O produto é resultado de um processo que envolveu múltiplas equipes dentro da universidade. Com formação inicial em Farmácia e doutorado na área de bioquímica, Tatiana Emanuelli atua desde 1997 como docente no departamento de tecnologia e ciência de alimentos da UFSM, coordenando o grupo de pesquisa Compostos Bioativos, focado no reaproveitamento de resíduos

da agroindústria.

Posteriormente, seu grupo foi integrado à equipe do Laboratório de Piscicultura, coordenado pela professora Leila Picolli da Silva. Esta parceria possibilitou o avanço da inovação para níveis tecnológicos maiores e a aproximação com o setor produtivo, culminando no acordo com a Ingal Agrotecnologia.

O processo de escalonamento tecnológico enfrentou os desafios do financiamento científico brasileiro. O projeto chegou a ser contemplado no edital Tec Futuro, da Fapergs. Contudo, devido a entraves na operacionalização dos recursos estaduais, a própria indústria decidiu assumir o aporte financeiro. A empresa parceira financiou testes e a estrutura necessária para colocar a tecnologia no mercado a curto prazo.

Para a pesquisadora, o principal significado do prêmio é a legitimação institucional de um modelo de trabalho que exige dedicação além da sala de aula.

“Ver a valorização desse resultado é inspirador para a renovação das equipes e para os próprios estudantes que estão



Pesquisadora da UFSM criou o hidrorretentor orgânico

integrando essas equipes”, reflete a professora.

A pesquisadora aponta que a transformação de pesquisas acadêmicas em produtos comerciais concretos, como ocorreu com o hidrorretentor, é estratégica para o país.